



Eixo Temático

11. Pedagogia Histórico-Crítica

Título

A didática na formação docente: fundamentos, relevância político-pedagógica e contribuições desde a Didática Crítica para o processo de ensino-aprendizagem

Autor(es)

Débora Villetti Zuck¹
Claudimara Cassoli Bortoloto²

Instituição

UNILA
UTFPR

E-mail

debi_vz@hotmail.com
claudibortoloto@yahoo.com

Palavras-chave

Didática; Formação docente; Método.

Resumo

O objetivo deste trabalho é compreender as contribuições da Didática Crítica para a formação docente. Para tanto, a partir de revisão bibliográfica, aborda o que é didática, qual sua função e relação com a/e na formação docente, tanto em âmbito teórico como prático, no processo de ensino-aprendizagem. O objeto de estudo em

¹ Pedagoga e Mestre em Educação; integrante do Grupo de Pesquisa em Políticas Sociais (GPPS) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Cascavel-PR; Pedagoga na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA); discente do Curso de Educação: Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

² Graduada em Ciências Sociais, Especialista em Fundamentos da Educação e em História e Região, Mestre em Educação e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Campus de Araraquara; integrante do GPPS; professora na UTFPR/Campus de Medianeira -PR.



tela está atrelado a questões não meramente técnicas, mas de cunho político-pedagógico, imbricado em relações sociais. E, uma vez que a didática não é neutra, está vinculada a determinados objetivos, finalidades e concepções de educação. Logo, entende-se que a didática é orientada por determinados fundamentos teórico-metodológicos, bem como é componente indispensável na formação docente e na prática pedagógica, que podem estar em sintonia com processos conservadores ou transformadores. Sinaliza-se para a relevância da Didática Crítica que, enraizada em determinado método, pode ser um instrumento de resistência e luta imprescindível nos dias atuais para o desenvolvimento da consciência político-pedagógica do professor, comprometido com a transmissão e apropriação, por parte dos discentes, de formas mais elaboradas de conhecimentos científicos, filosóficos e artístico-culturais.

Texto Completo

1. Introdução

No âmbito da formação docente a Didática tem como função primordial possibilitar conhecimentos teórico-práticos que permitam ao professor compreender e organizar o processo de ensino, sem desconsiderar a educação como relação social. Isso porque a organização do trabalho pedagógico, ao qual a Didática está subsumida, abrange o trabalho desenvolvido em sala de aula e, globalmente, na escola e/ou universidade, como projeto político-pedagógico.

Na atuação dos docentes em diferentes níveis e modalidades de ensino, por sua vez, ocorre que a falta de conhecimentos didáticos não é questão rara, e expressa-se em situações nas quais “sabem para si” os conteúdos específicos de suas áreas ou “não sabem explicá-lo”. O que leva a cogitar que parecem desconhecer como ocorre o processo de ensino e aprendizagem, e os elementos que permeiam essa relação como os objetivos, processo de avaliação, métodos, como fazer para que os conteúdos sejam transmissíveis e assimiláveis, ou seja, as formas adequadas, propiciadas pela formação e fundamentação didático-pedagógica.

Assim, a “preocupação didática” não deve ser apenas com o imediato e prático, desconhecendo os clássicos em educação ou, por outro lado, com aspectos teóricos, desconsiderando as questões que a realidade impõem. É preciso apreender dialeticamente as contribuições teórico-práticas da Didática para a formação docente. Remete, então, a aquisição e apropriação de conhecimentos necessários para o exercício



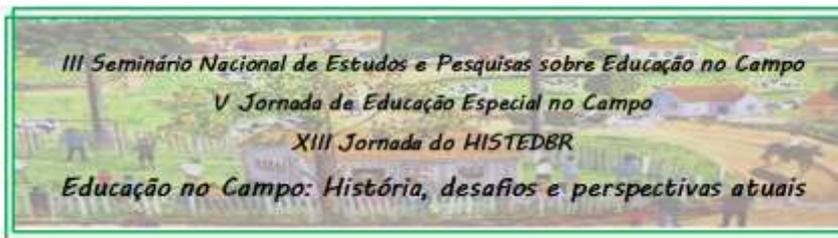
da docência enquanto profissional, inserido num contexto histórico e com finalidades determinadas.

E sobre esse processo de apropriação, que começa na formação inicial e se estende para a formação continuada, momentos interligados de um mesmo aprendizado e desenvolvimento humano, entende-se que está ligado à noção de que as ações humanas não são neutras ou isentas de posições. O fazer e o pensar de determinado período histórico são determinados socialmente, assim como o conteúdo e a forma do ensino, a relação entre educação e sociedade, a concepção de teoria e prática, portanto, o que é priorizado e o que é relegado à margem na formação docente, bem como o âmbito de incidência didática.

Isso porque, como se sabe, ao longo da história, “as circunstâncias fazem os homens, assim como os homens fazem as circunstâncias” (MARX; ENGELS, 2007, p. 43). Os homens fazem a história, em condições determinadas, são produto das circunstâncias e da educação, ao mesmo tempo em que “as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador precisa ser educado”, pois não cria o conteúdo de si próprio e, por isso, a mudança é a prática revolucionária (MARX; ENGELS, 2007, p. 537-538). Então, conforme Marx e Engels (1992, p. 28),

Se as circunstâncias em que este indivíduo evoluiu só lhe permitem um desenvolvimento unilateral, de uma qualidade em detrimento de outras, se estas circunstâncias apenas lhe fornecem os elementos materiais e o tempo propícios ao desenvolvimento desta única qualidade, este indivíduo só conseguirá alcançar um desenvolvimento unilateral e mutilado.

Ao perseguir os meandros que engendram essa relação e seus desdobramentos, questiona-se: Qual a formação que a Didática deve propiciar aos professores? Uma formação desvinculada da realidade e da prática social? Apenas restrita e limitada à sala de aula? A par do arcabouço teórico, que propicie encaminhamentos metodológicos? Uma formação com que finalidade? Calcada na aparência ou na essência do fenômeno educativo? Enfim, qual didática? Procurando suscitar respostas a estas indagações e para o problema da pesquisa que originou este trabalho: Como a Didática Crítica pode contribuir para a formação docente que permita um desenvolvimento para além da unilateralidade? Compreende-se que esse problema, por sua vez, está atrelado aos fundamentos teórico-metodológicos da Didática e sua apreensão, sem desconsiderar os



aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais que o interferem, trará subsídios para vislumbrar alternativas à problemática enunciada.

Desta forma, a investigação ora sistematizada neste trabalho, objetiva, centralmente, compreender as contribuições da Didática Crítica para a formação docente; e, especificamente, conceituar e categorizar Didática; entender a relação entre didática, métodos e técnicas de ensino e formação docente; e identificar os fundamentos teórico-metodológicos da Didática Crítica.

Para tanto, o desenvolvimento do trabalho funda-se nos estudos de natureza teórica tomando como recurso a revisão bibliográfica, a partir do contato do pesquisador com o que já foi produzido sobre o tema, uma vez que, segundo Severino (2007), a pesquisa de fonte bibliográfica é desenvolvida com base nos registros decorrentes de pesquisas anteriores. A pesquisa é explicativa quanto aos objetivos, a fim de ir além da descrição e da aparência do objeto estudado, e será realizada a análise de conteúdo dos materiais disponíveis, de cunho qualitativo.

Entende-se, ainda, que na pesquisa em educação, a função do pesquisador está correlacionada à necessidade de uma concepção dinâmica da realidade social, numa abordagem que considere a historicidade, a relação e a interdependência dos fenômenos sociais. Pois, se não servir aos processos de transformação da essência da realidade social estará servindo aos de sua conservação, uma vez que “Todo ato de pesquisa é um ato político” (ALVES apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 6), e “Pesquisamos a realidade precisamente porque não a conhecemos por inteiro ou porque nunca a conhecemos de modo suficiente.” (DEMO, 2008, p. 76).

Na sistematização do estudo, o trabalho segue a seguinte organização: inicialmente, busca-se uma aproximação com o conceito de Didática, a partir de um conjunto de autores, e busca-se vislumbrar sua perspectiva crítica, bem como sua relação na formação docente; na sequência, categorizando-a, a Didática é abordada no contexto histórico, apreendendo seus determinantes; por fim, sinaliza-se para a relevância da Didática Crítica, contra-hegemônica, como meio de resistência e luta imprescindível nos dias atuais para o desenvolvimento da consciência político-pedagógica do professor, comprometido com a mediação do conhecimento e a apropriação de formas mais elaboradas de conhecimentos.



2. O conceito de Didática: uma aproximação necessária

O entendimento sobre Didática varia, em alguma medida, segundo autores, mesmo entre aqueles inicialmente vinculados à perspectiva crítica. Candau (1984) entende-a como reflexão sistemática e que busca alternativas para os problemas da prática pedagógica, tratando do processo de ensino-aprendizagem em sua múltipla dimensão: humana, para que fazer; técnica, saber fazer; e político-social, porque fazer.

Libâneo (1994) situa a Didática como principal ramo de estudo da Pedagogia e a entende como teoria do processo de ensino para unir a preparação teórica e prática na formação profissional do professor. Para tanto, cabe estudar os objetivos, os conteúdos, os métodos, as conexões entre ensino e aprendizagem, as condições e as formas que vigoram no ensino, os fatores materiais e sociais reais que determinam a relação entre ensino e aprendizagem, o que realmente ocorre na sala de aula.

Na formação de professores, a Didática integra teoria e prática na configuração do trabalho docente, ou seja, corresponde a função de efetivação da tarefa de ensinar por meio de um conjunto de operações coordenadas entre si: planejamento, direção do ensino e da aprendizagem e avaliação. Além disso, Libâneo (1984, p. 40) esclarece que

A questão dos métodos se subordina à dos conteúdos: se o objetivo é privilegiar a aquisição do saber, e de um saber vinculado as realidades sociais, é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos com os interesses dos alunos, e que estes possam reconhecer nos conteúdos o auxílio ao seu esforço de compreensão da realidade (prática social).

Segundo o autor, a didática propicia

[...] uma contribuição indispensável à formação dos professores, sintetizando no seu conteúdo a contribuição de conhecimentos de outras disciplinas que convergem para o esclarecimento dos fatores condicionantes do processo de instrução e ensino, intimamente vinculado com a educação e, ao mesmo tempo, provendo os conhecimentos específicos necessários para o exercício das tarefas docentes (LIBÂNEO, 1994, p. 74).

Libâneo (2006), também afirma a didática como disciplina integradora que envolve um conjunto de conhecimentos e contribuições de vários campos, tais como: teoria da educação, teoria do conhecimento, Psicologia, Sociologia, Filosofia, História. Pois, conforme o autor, à explicação do fenômeno educativo, contribuem várias áreas do conhecimento, por meio dos conceitos inerentes as suas matrizes epistemológicas, mas é a Pedagogia que a tem como cerne.



Por sua vez, Castro (2006, p. 21) situa a Didática no campo da teoria do ensino ao explicitar que ela “tem uma determinada contribuição ao campo educacional, que nenhuma outra disciplina poderá cumprir. E nem a teoria social ou a econômica, nem a cibernética ou a tecnologia do ensino, nem a psicologia aplicada à educação atingem o seu núcleo central: o Ensino”.

Segundo Veiga (1994) a Didática é uma disciplina teórico-prática do curso de formação de professores que tem como objeto de estudo o ensino, ponto de convergência de princípios, pressupostos e teorias provenientes da história, da filosofia, da psicologia, da sociologia da educação. E que fornece orientações necessárias para tornar o processo de ensino uma ação intencional e sistemática, não se limitando ao instrumental, as técnicas. Mas sim que envolve uma reflexão mais ampla, repensada a partir da análise das experiências concretas e dos problemas da prática dos professores.

A Didática pode ser entendida, então, como a teoria do ensino, cujo fenômeno específico é a aula, tomada como atividade que requer constante reflexão. Seu objeto de estudo é o processo de ensino-aprendizagem e, para entendê-lo, persegue suportes, vinculando-se aos vários fundamentos históricos, psicológicos, sociológicos, filosóficos, pedagógicos, antropológicos, econômicos que constituem a formação docente.

Freitas (1995) entende a Didática como teoria pedagógica – cuja condição de produção é a interdisciplinaridade, a interpenetração de método e conteúdo – que trata das regularidades oriundas do trabalho pedagógico da escola, no projeto político-pedagógico que desenvolve e da sala de aula. Isso porque, os conhecimentos pedagógicos e a Pedagogia, ciência da e para a educação, estão a serviço dos educadores, na responsabilidade social que tem e na solução de problemas concretos. Na sociedade capitalista, a educação formal tem na escola seu principal lugar de realização, por meio do ensino, de forma intencional, desenvolvida e sistemática. A ação educacional deve dirigir-se a humanização da geração em desenvolvimento e as formas mais adequadas de atingir esse objetivo. Portanto, a Didática não é neutra, expressa uma concepção de educação, uma relação entre educação e sociedade, uma formação de homem com fins determinados, que precisa ser entendida historicamente.

Também para Rays (2008, p. 12), a didática não pode ser caracterizada como um processo acabado e esclarece que a dimensão meramente instrumental, não-crítica da



didática escolar, desprovida de senso histórico, contrapõe-se à didática escolar crítica, que “entende que todo ato educativo tem especificidade própria e varia conforme as circunstâncias do contexto histórico em que o mesmo ocorre”, ou seja, é uma didática contextualizada.

Para Rays (2008, p. 15) a função da didática é

[...] proporcionar meios para o educador realizar mediações entre os conteúdos-meios-fins da educação, com suas respectivas consequências pedagógicas e políticas explicitamente definidas. Lutar e comprometer-se, pois, com a necessidade que a sociedade de classe tem de uma prática pedagógica crítica. Com esse propósito, os conteúdos-meios-fins da ação didática necessitam ser trabalhados de forma não atomizada, isto é, como uma totalidade coerente e coesa, não esquecendo de que a ação didática desenvolve-se dentro de estruturas sociais nas quais os destinos da prática social são amplamente diversificados.

Para o referido autor, inicialmente, o político determina o pedagógico do ato didático. Porém, aquele não pode prescindir deste, pois elemento de organização e de processamento do trabalho docente, ocorrendo uma integração dialética entre político e pedagógico e deste com o didático. Conforme Rays (2008, p. 17), o político trata dos fins e o técnico dos meios, e são, concomitantemente, unidade e diversidade. “A compreensão teórica e a compreensão prática do fazer didático não ocorrem separadamente, porque constituem um processo único, complexo e dialético.” Em decorrência, o ensino se relaciona à intervenção pedagógica, que é política, histórica, cultural, contextualizada. E à Didática se aplica o conceito de plasticidade, no sentido de o trabalho docente assumir a capacidade de agir criticamente sobre si, pois ligado à noção de transformação do ser humano e da sociedade como um todo não atomizado.

Em relação ao método, para a análise do polo epistemológico e de suas relações com a realidade em que ocorre a ação didática, Rays (2008, p. 13) o justifica da seguinte forma: “em razão da contradição ser a causa essencial de todo e qualquer ato educativo e constituir-se no núcleo principal da dialética”, uma vez que a prática social transformadora é entendida como uma prática autenticamente revolucionária (CURY, 1985, p. 27 apud RAYS 2008, p. 13-14).

Já segundo Martins (1998, p. 23),

[...] a didática expressa uma prática pedagógica que decorre da relação básica do sistema capitalista num momento histórico determinado; portanto como as classes sociais se relacionam vão se materializar em técnicas, processos,



métodos, tecnologias, inclusive processos pedagógicos que se realizam através de uma certa relação pedagógica.

Assim, os métodos e as técnicas de ensino estão vinculados à didática e a um entendimento político-pedagógico. Significam um ordenamento do ensino, implicando recusa à improvisação, pois orientam, teórica e praticamente, o ensino e a aprendizagem, expressando a concepção e execução do processo, o “como se ensina” (ARAÚJO, 2006). Pois, a didática é, segundo Oliveira (1993 apud TAVARES, s/d, p.1),

[...] teoria pedagógica de caráter prático, ou seja, teoria que busca prover respostas as demandas apresentadas pela sociedade à área pedagógica, sobre o desenvolvimento da prática no dia-a-dia da sala de aula, por meio de princípios construídos sobre a realidade concreta dessa prática, envolvendo um saber tecnológico que implique técnicas e regras sobre como ensinar. [...] estuda e ensina como transformar o saber escolar, ou seja, o processo de pedagogização do saber científico.

E, coadunando com Oliveira (1993), Tavares (s/d) entende a Didática como uma concepção de ensino e prática social articulada a outras práticas sociais na formação histórico-social. O que impõe situá-la no tempo e no espaço, a fim de visualizar seus determinantes.

3. A Didática no contexto histórico: determinantes da prática pedagógica

Conforme Alves (2005) a organização do trabalho didático não ocorreu sempre da mesma maneira e sim correspondeu ao seu tempo, ou seja, teve formas históricas. No entendimento do autor, a categoria trabalho didático é atrelada a categorias mais centrais, como trabalho e organização técnica do trabalho, educação e escola. Aproximação necessária, porque as transformações do trabalho na sociedade interferem nas relações que são estabelecidas em seu interior, afirmando que cada época produz sua relação educativa.

Alves (2005) identifica na Didática Magna de Comênio, na proposta e nos procedimentos de “ensinar tudo a todos”, a centralidade da categoria trabalho didático e sua base material, a produção manufatureira, que fundamentam a forma de organização da escola moderna, cuja gênese está na transição entre a forma individual e coletiva de ensino, entre os séculos XV e XVI. E expressou a necessidade de uma instituição educacional especializada, organizada e sistemática, com uma função precisa.



Até a época medieval, a relação educativa era, sobretudo, uma relação não-sistemática entre um educador e um educando. A educação sistemática, antes da modernidade, equiparava-se a outras atividades de natureza artesanal, sendo sujeitos do processo o educador, designado de mestre ou preceptor, em relação ao educando, o discípulo. Na sociedade feudal, o mestre artesão expressava o trabalhador que detinha o domínio pleno, no âmbito teórico e prático, da atividade a qual se dedicava. E, de forma mediada na educação, o mestre dominava todas as etapas e operações da atividade de ensino, de formação humanística (ALVES, 2005).

Sob a perspectiva da manufatura, Comênio pensou o trabalho didático, a divisão do ensino em etapas, graus e níveis, estabeleceu áreas de conhecimentos que compunham o plano de estudos e desenvolveu a tecnologia fundamental: o manual didático. E esses elementos, associados à instituição que emergiria – “oficina de homens” –, também produziram um profissional específico, ou melhor, especializado. Assim, segundo Alves (2008, p. 106), a Didática para Comênio “constitui uma proposta de educação para a sociedade; visa atender necessidades sociais e mobiliza, para a sua consecução, os recursos mais avançados produzidos pela humanidade em seu tempo”.

Logo, Alves (2005), depreende que cada época produz sua relação educativa, ou seja, a) uma forma de educador e uma forma de educando; b) determinados recursos didáticos, envolvendo procedimentos a serem adotados e conteúdos para o processo de transmissão do conhecimento; e c) um espaço físico. Em decorrência, a educação, e propriamente o ato de ensinar, é histórica, pois visa atender necessidades sociais postas pelo tempo e, para isso, mobiliza o que é necessário para sua realização.

Ao buscar identificar as propostas pedagógicas presentes na educação e os enfoques do papel da didática, bem como os fundamentos teóricos e metodológicos, Veiga (1994; 2004) releva aspectos relevantes, sociais, econômicos, políticos e educacionais, na retrospectiva histórica da didática no Brasil.

Desde a abordagem da escola tradicional, no contexto colonial e de economia agro-exportadora, sob a forma de vertente religiosa (1549-1759), o trabalho dos jesuítas no campo educacional seguia o plano de instrução baseado na Ratio Studiorum (razão de estudo), com a formação do homem universal, humanista e cristão/cultura geral e enciclopédica, enquanto os indígenas eram catequizados. Os pressupostos didáticos

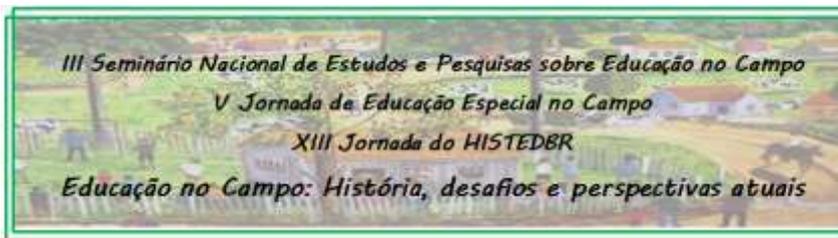


eram: o estudo privado; o mestre prescrevia a matéria e o horário; aulas expositivas; repetições para decorar; desafios estimulando a competição; exames orais e escritos; centrado no caráter formal com base no intelecto e marcado pela visão essencialista do homem – criação divina e imutável. Na vertente leiga (1759-1930), com a derrubada do plano de instrução dos jesuítas e sua expulsão por Marquês de Pombal, são instauradas aulas-régias, com professores leigos e, a partir de 1870, é suprimido o caráter religioso da educação escolar. O Estado assume a laicidade do ensino, mas mantém o caráter essencialista de homem, de natureza racional (VEIGA, 1994; 2004).

A teoria pedagógica tradicional enfatiza o ensino humanístico de cultura geral; é centrada no professor, autoridade inquestionável, que transmite verdades enciclopédicas; a relação é hierárquica e o aluno é tomado como ser receptivo e passivo; o método de ensino é concebido como um processo universal e lógico; segue a organização em etapas/os passos formais de Herbart (preparação, apresentação, assimilação, generalização e aplicação); a didática é centrada nos conteúdos, e é entendida como conjunto de regras, dissociada do social e do político; a prática é a aplicação da teoria; a didática não tem como ponto de partida os problemas do cotidiano da sala de aula; a disciplina é a forma de garantir a atenção, o silêncio e a ordem.

O movimento de renovação da didática tradicional, com a escola nova (1930-1945), ocorre num contexto educacional de confronto entre a concepção humanista tradicional (católica) e a humanista moderna (os pioneiros), baseada na visão de homem centrada na existência, na vida, na atividade e valorização do aluno enquanto ser ativo e potencial; predominam aspectos psicológicos sobre o lógico; o método de ensino é ativo: aprender a aprender; e o conteúdo é reduzido à forma/modo de transmissão; é valorizado o relacionamento positivo e amigável entre aluno e professor para atingir um clima de harmonia e interação; acentua o caráter prático e útil; difunde centros de interesse, método de projetos, estudo dirigido; o ensino é tomado como um processo de pesquisa, fundamentado na perspectiva deweyana; e a didática é concebida como o conjunto de ideias e métodos privilegiando a dimensão técnica, fundamentada nos pressupostos psicológicos e experimentais na metodologia (VEIGA, 1994; 2004).

Conforme a autora, com o predomínio de novas ideias e lutas ideológicas (1945-1960), entre escola particular e escola pública, é articulada uma didática que se inspira



no liberalismo e no pragmatismo afirmando a predominância dos processos metodológicos em detrimento da aquisição dos conhecimentos. A crise do escolanovismo articula a tendência tecnicista, assumida pelo grupo militar pós 1964 e os descaminhos da didática. Sob influência do positivismo, essa tendência é calcada: nos pressupostos da neutralidade científica, decorrente da racionalidade, eficiência e produtividade, e fragmentação do processo (especialistas projetam, professores executam); na ruptura com a perspectiva psicológica por meio da implantação da tecnologia educacional, em prol da eficácia e eficiência do processo de ensino; na organização racional do processo, que tem a didática como estratégia para alcançar produtos previstos; na supremacia do planejamento e de estratégias, em detrimento ao método, por meio de planos elaborados segundo metas prefixadas. O ensino é mecanizado e alicerçado na tecnologia educacional, com elaboração de materiais instrucionais (livros descartáveis) e avaliação classificatória; a teoria é comandada pela ciência e a prática é a aplicação da teoria assegurada pela tecnologia educacional, portanto, o centro do processo são os meios.

A partir de 1974, com a abertura gradual do regime ditatorial e a crítica à educação tecnicista, a didática acompanha o discurso das teorias crítico-reprodutivistas: busca desmistificar e evidenciar o conteúdo ideológico do ensino; entende a educação no contexto social, mas ao negar a especificidade didático-pedagógica/sua dimensão técnica – ainda que denuncie a falsa neutralidade do técnico – e privilegiar sua dimensão política, prevalece o formalismo social e deixa de lado os vínculos da relação professor-aluno (VEIGA, 1994; 2004).

Nos anos 1980, no contexto de democratização da sociedade e de compromisso por sua transformação, a didática é questionada e inicia-se o movimento em torno de sua revisão, partindo do entendimento: de homem como ser concreto, fruto social; de educação identificada com o processo de hominização e comprometida com os interesses das camadas economicamente desfavorecidas; e de escola como espaço de negação da dominação. Nesse sentido, a didática auxilia o processo de politização do futuro professor: clarifica o papel sócio-econômico; vai além de métodos e técnicas; trabalha relações; conteúdo e forma; técnica e política; ensino e pesquisa.



Todavia, nos anos 1990, com o projeto neoliberal, a didática em certas tendências ganha enfoque “modernizador” e instrumental ligada à concepção da pedagogia por competências e a avaliação dos resultados. Nesses casos, restringindo-se: a um conjunto de informações técnicas para o exercício da docência limitada a preparação da prática daquele que faz, mas não conhece os fundamentos do fazer, ou seja, em detrimento a teoria; e que deixa à margem a relação da escola com a realidade social, mais ampla que aquela.

Assim, ao considerar os aspectos abordados anteriormente, depreende-se que a didática se categoriza ao longo dos tempos e revela uma materialidade expressa – em âmbito teórico-prático no processo de ensino-aprendizagem – em dada formação histórico social, em razão desta.

4. Didática Crítica: contornos e desafios

Para Veiga (1994; 2004) a Didática Crítica busca superar dicotomias, reducionismos e formalismos evidenciados nas demais teorias pedagógicas. Isso porque, entende a contradição da educação numa sociedade de classes, enquanto determinada e determinante. Concebe a escola como parte integrante da sociedade, instância de difusão do conhecimento, cuja função primordial é o ensino, a unidade entre teoria e prática. Centra-se na formação do ser humano e a relação pedagógica assenta-se na autonomia e na reciprocidade dos sujeitos que fazem parte do processo formativo. O aluno, um ser concreto, situado historicamente, traz um saber que lhe é próprio, que precisa ser valorizado e reelaborado para de forma consciente gerar mudanças. O professor pode tornar possível a ruptura entre a experiência pouco elaborada e dispersa dos alunos em direção aos conteúdos culturais universais que são permanentemente reavaliados frente à sociedade.

A Didática Crítica está compromissada com “o ensino voltado para os interesses das classes populares, com a transformação das relações de opressão e dominação e com a democratização da escola pública; com o entendimento da sala de aula como espaço de progressão próprio do saber didático-prático.” (TAVARES, s/d, p. 1).



Trata-se de uma perspectiva enraizada no pensamento marxista, que tem com ponto de referência os anos 1980, momento em que se estruturou a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC),

Histórico: Porque nesta perspectiva a educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para a sua transformação. Crítica: Por ter consciência da determinação exercida pela sociedade sobre a educação (SAVIANI apud GASPARIN; PETENUCCI, 2007, p. 04).

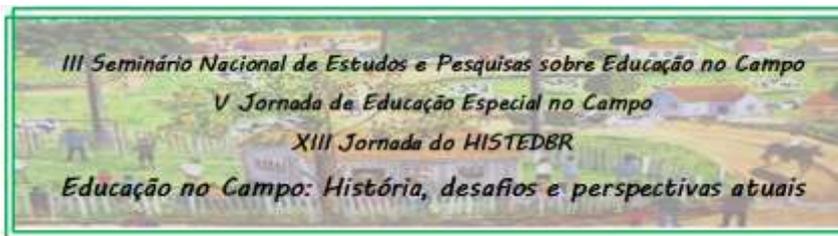
A PHC é, pois, “o empenho em compreender a questão educacional a partir do desenvolvimento histórico objetivo” e a concepção pressuposta nela “é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana” (SAVIANI, 2000, p. 102).

Uma pedagogia articulada com os interesses populares valorizará, pois, a escola; não será indiferente ao que ocorre em seu interior; estará empenhada em que a escola funcione bem; portanto, estará interessada em métodos de ensino eficazes. Tais métodos situar-se-ão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros. Serão métodos que estimularão a atividade e iniciativa dos alunos sem abrir mão, porém, da iniciativa do professor; favorecerão o diálogo dos alunos entre si e com o professor, mas sem deixar de valorizar o diálogo com a cultura acumulada historicamente; levarão em conta os interesses dos alunos, os ritmos de aprendizagem e o desenvolvimento psicológico, mas sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos, sua ordenação e gradação para efeitos do processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos. (SAVIANI, 2008, p. 69).

Por conseguinte, uma proposta didático-pedagógica, na formação docente, assentada nos passos do método dialético do conhecimento necessita de uma postura que compreenda o movimento que constitui e transforma um objeto, a contradição, ou seja, uma abordagem dialética, do método materialismo histórico-dialético, instrumento de análise para compreender e transformar a realidade, pois a dialética é teoria do movimento da realidade, teoria que busca captar o movimento objetivo do processo histórico (SAVIANI, 2000).

Saviani (2000, p. 89) compreende que “a escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade”. O que implica método e formas de organizar o conjunto das atividades que ocorrem no espaço e tempo escolar, seu currículo.

Em relação à didática, para a PHC, deve ter em vista que,



[...] a educação é entendida como mediação no seio da prática social global. A prática social se põe, portanto como ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Daí decorre um método pedagógico que parte da prática social em que professor e aluno se encontram igualmente inseridos ocupando, porém posições distintas, condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e encaminhamento da solução dos problemas postos pela prática social (problematização), [...] dispor os instrumentos teóricos e práticos para sua compreensão e solução (instrumentação) e viabilizar sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos (catarse) (SAVIANI, 2008, p. 422).

Em consonância com o método do conhecimento na qual se fundamenta essa pedagogia, uma proposição didática assentada nela é situada e uma possibilidade (entre outras que podem ser possíveis no real), não se constituindo, então, como receituário, rotulado e validado universalmente, modelo imutável a ser seguido e/ou sem considerar as especificidades dos diversos campos do conhecimento humano – pois isso poderia vir a negar e/ou asfixiar o que lhe dá sustentação e direcionamento. Daí quiçá a polêmica em torno de enquadrá-la em determinada “metodologia de ensino”, seara que não cabe nesse trabalho, ainda que tangencialmente, pois demandaria análise, de semelhanças e diferenças, que extrapola os objetivos ora propostos.

Enquanto uma das formas possíveis, Gasparin (2007), ao tomar como base o método pedagógico elaborado por Saviani (2008) expresso acima, considera que o método de investigação e de ensino partem das circunstâncias em que foram elaborados, da realidade material. E o método enquanto construção teórica é expressão e resposta aos desafios postos por determinado período da história dos homens.

O autor supracitado sistematiza uma didática, com base na teoria pedagógica elaborada por Saviani, propondo cinco movimentos, em que o ponto de partida para discutir a necessidade de uma nova forma do trabalho pedagógico, é a realidade social.

A leitura crítica da realidade torna possível apontar um novo pensar e agir pedagógicos. Deste enfoque, defende-se o caminhar da realidade social, como um todo, para a especificidade teórica da sala de aula e desta para a totalidade social novamente, tomando possível um rico processo dialético. (GASPARIN, 2007, p. 3-4).

O ponto de partida do trabalho do professor é o conhecimento inicial do aluno que está ancorado no senso comum, na naturalização dada pelo conhecimento acrítico. O professor, através da mediação, intervém através do conhecimento científico de forma a superar o senso comum, o que requer planejamento e domínio do conteúdo científico para que os símbolos sejam apropriados pelos alunos.



A prática docente, ao ter sua didática mediada pela PHC segue aspectos indispensáveis a essa pedagogia, sendo eles: a síncrese, a síntese e a catarse. A síncrese é o que Saviani (2003) caracterizou como levantamento da prática social do aluno; enquanto a síntese é a intermediação do professor que parte do conhecimento inicial do aluno, mas o supera por meio do conhecimento científico; e a catarse é a reelaboração do conhecimento pelo aluno com a assimilação do conteúdo científico.

Uma Didática que se propõe Crítica, em sintonia com a PHC, deve estar assentada necessariamente no método que a embasa e, em decorrência, considerar seus elos constituintes. O docente não se pode furtar de compreender a escola como espaço de contradição, bem como de socialização e de produção de conhecimentos (principalmente sobre a própria prática educativa). Espaço esse privilegiado para a transmissão, em seu protagonismo de conduzi-lo, e de assimilação do conhecimento científico, filosófico, artístico-cultural por parte dos alunos, que é fundamental para a formação humana.

Considerações finais

A didática é um elemento importante e crucial na formação docente, pois implica conhecimentos teóricos e práticos do processo de ensino e aprendizagem, que pode ocorrer sob diferentes concepções e ordenamentos, conforme a teoria pedagógica.

Nessa perspectiva, compartilha-se do apontamento de Saviani (2003) que a organização pedagógica necessita de uma elaboração coerente especificando conteúdos, métodos, procedimentos técnicos, ou seja, todos os recursos utilizados para que se desenvolva o ensino e aprendizagem em nível de didática.

Entende-se que, conforme Frigotto (2011, p.19), “os processos educativos e a construção do conhecimento estão organicamente vinculados às relações sociais e que, na sociedade capitalista cindida em classes sociais antagônicas, esses processos são marcados por uma disputa em seu conteúdo, método e forma”.

Logo, conforme Garutti e Oliveira (2012, p.03) “Não será o conteúdo do saber, mas o meio pelo qual este será transmitido que vai transformá-lo em saber conservador e progressista”. A educação, numa sociedade de classes, tem um caráter contraditório, podendo ser espaço de reprodução ou de transformação, e no momento em que um deste



se realiza o outro é suprimido. As tendências pedagógicas ou teorias da educação e suas expressões na prática de ensino, na função da escola, conteúdos de ensino, métodos, relação professor-aluno, pressupostos de aprendizagem e avaliação não são neutras. Uma didática ao se propor crítica, como definido anteriormente, por seus fundamentos teóricos e metodológicos, está mais propensa a que os docentes tenham compromisso político associado à técnica.

Por conseguinte, o resultado desse compromisso pode ser evidenciado na modificação intelectual qualitativa do professor – e, em decorrência, do aluno –, propiciada pela reelaboração de sua concepção sobre o conteúdo, superando um estágio de menor compreensão científica, social e histórica a outro de maior clareza e entendimento, tendo decorrências concretas na execução do trabalho docente. Para isso, portanto, a formação do professor é substancial, uma vez que orientará sua didática, a partir de dada perspectiva. Na Didática Crítica, ao estar vinculada a esse propósito, o professor utiliza em sua prática pedagógica meios, técnicas, instrumentos e estratégias que favoreçam o conhecimento e seu compromisso com o ensino privilegia os interesses da classe trabalhadora, visando à transformação das atuais relações de exploração.

Referências

- ALVES, Gilberto Luiz. *Trabalho didático na escola moderna: Formas Históricas*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.
- _____. Formação de professores: uma necessidade de nosso tempo? *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n.31, p.102-112, 2008. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/31/art08_31.pdf>. Acesso em: 17 de mar. de 2015.
- ARAÚJO, José Carlos Souza. Do quadro-negro à lousa virtual: técnica, tecnologia e tecnicismo. In: Veiga, Ilma Passos Alencastro (Org.) *Técnicas de Ensino: novos tempos, novas configurações*. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- CANDAU, Vera Maria. *A didática em questão*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CASTRO, Amélia D. de. A Trajetória Histórica da Didática. *Série Idéias*, n.11. São Paulo: FDE, 1991. Disponível em: <www.crmariocovas.sp.gov.br/amb>. Acesso em: 20 de mar. de 2006.
- DEMO, Pedro. *Metodologia para quem quer aprender*. São Paulo: Atlas, 2008.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da Didática*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Projeto societário contra-hegemônico e educação do campo: desafios de conteúdo, método e forma. In: MUNARIN, Antônio; BELTRAME, Sônia;



- CONTE, Soraya Franzoni; PEIXER, Zilma Isabel (orgs). *Educação do Campo: reflexões e perspectivas*. 2. ed Florianópolis: Insular, 2011. p.19-46.
- GARUTTI, Celso; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Método Didático do Materialismo Histórico na Educação. In: *Anais do XI Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil*. João Pessoa-PB, 2012. Disponível em <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>>. Acesso em: 10 de jan. de 2014.
- GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 4 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. *Pedagogia Histórico-Crítica: Da Teoria à Prática no contexto Escolar*. Paraná: 2007. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov> >. Acesso em: 20 de out. de 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítica social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1984.
- _____. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. Educação: Pedagogia e Didática. O campo investigativo da pedagogia e da didática no Brasil: esboço histórico e buscas de identidade epistemológica e profissional. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Didática e Formação de Professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Cortez, 2006.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, Pura Lúcia. *A didática e as contradições da prática*. Campinas: Papyrus, 1998.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Textos sobre educação e ensino*. 2. ed. São Paulo: Moraes, 1992.
- _____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- RAYS, Oswaldo Alonso. Razões da razão didática: hipóteses para a construção de uma didática escolar crítica. In: *Olhar de professor*. Ponta Grossa, 11 (1): 11-21, 2008.
- SAVIANI, Demerval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- _____. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. 2. ed. Campina: Autores Associados, 2008.
- _____. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- SAVIANI, Nereide. Currículo: um grande desafio para o professor. In: *Revista de Educação*. Nº 16. São Paulo, 2003. p. 35-38.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.
- TAVARES, Rosilene Horta. *A Didática crítica frente ao toyotismo e às tecnologias informacionais*. s/d.
- VEIGA, Ilma. P. A. Didática: uma retrospectiva histórica. In: _____. *A prática pedagógica do professor de Didática*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- _____. Didática: uma retrospectiva histórica. In: VEIGA, Ilma. P. A (Coord.) *Repensando a Didática*. Campinas, SP: Papyrus, 2004.